

## Um sonho.

*Andre Pietsch Lima\**

*Kátia Maria Kasper \*\**

*Thalita Alves Sejanas\*\*\**

**S**ete horas. O senhor Luiz Costa, colunista de economia, chega rápido ao jornal para iniciar mais uma jornada de trabalho. Ele se posiciona na cadeira para escrever sua coluna semanal. Tomado por índices, cifras e cotações, logo subirá e descera com a bolsa, com os fundos, a renda variável, as declarações do presidente, do ministro da economia, os humores dos mercados. Mirando a letra “A” do pobre teclado habituado ao peso dos seus dedos, dispara contra a página em branco. Olha para os lados e nada encontra além dos movimentos frenéticos dos seus colegas da redação em meio à proliferação de parágrafos. Embalado pela aconchegante euforia do entorno, o senhor Luiz Costa espia de soslaio a tela de computador do colega ao lado. Retorna num átimo à sua tela. Mal acertou a primeira letra e nada mais ouviu que notas agudas de violinos.

Eis que, como miragem, surge à sua frente um cavaleiro sem nome ou origem, num barco puxado por um cisne. Elsa e Gottfried que aguardavam para entrar em cena abandonam a história, o rei Henrique I da Germânia e os húngaros não chegam a entrar também e logo Meghan e Harry abandonariam outro conto. Ao fundo uma voz celestial impediu-lhe de continuar escrevendo. A voz, solenemente, comunicava ao senhor Luiz Costa que o governo clama por uma cultura que salve a juventude, que seja a base da pátria. Em intervalos harmônicos de sextas maiores: uma cultura doente adoecerá o povo. A voz, tonal, familiar, pedia por uma cultura enraizada na nobreza dos mitos fundantes - a pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus. Em terças menores, dizia que as virtudes da fé, da lealdade, do auto sacrifício e da luta contra o mal seriam alçadas ao território sagrado das obras de arte. A arte heróica, nacional, seria dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e igualmente imperativa pois que vinculada às aspirações urgentes do povo, ou não seria nada. Lohengrin retorna ao Castelo do Santo Graal e lá permanecerá em silêncio.

\*Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Setor de Educação da [Universidade Federal do Paraná](http://www.ufpr.br). E-mail: andrepietschlima@gmail.com

\*\*Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Setor de Educação da [Universidade Federal do Paraná](http://www.ufpr.br). E-mail: katiakasper@uol.com.br

\*\*\* Mestre em Educação e Ciências e Matemática pela [UFPR](http://www.ufpr.br). Professora de artes na educação básica. E-mail: thalitasejanas@gmail.com



A bolsa de valores despenca e o senhor Luiz Costa, desamparado pela voz, sente seu coração tomado por uma epidemia maior, batendo em fusas, semi-fusas. Inspira, expira, inspira, expira, suspira em longa e indecisa fermata. Aliviado, caminha até a janela. Retorna. Alterna o olhar entre o céu, a rua, a tela do computador. Fios de alta tensão atravessam a paisagem e seu corpo. Observa através da janela o ramo de árvore balançado pelo vento. O texto da tela de seu colega foge para fora, sobe para as folhas, equilibra-se nas pontas dos galhos. O senhor Luiz Costa nota um esticar dos fios, dos cabos, enquanto um vento forte entra pela janela. Papéis voam. Uma ansiedade preocupada, redemoinho que embaralha anotações, impressões, rascunhos, palavras. O senhor Luiz Costa fecha a janela para que o caos cesse.

Nuvens entre tons de cinza e branco atravessam o céu da esquerda para a direita. Cães latem, audição do senhor Luiz Costa lhe garante que atravessam a sala. Um dos cães tosse engasgado. Outro tenta morder o próprio rabo num gesto circular. O carro do sonho passa, mas o senhor Luiz Costa não passa. Calor. Frio. Calor. Como adiar o fim do mundo?

1. Chove e um pequeno pássaro permanece no fio de alta tensão. Ruído de chuva, umidade, os pingos que caem dos fios, das folhas. E então nada mais há nos fios, além da água que escorre, acumula e pinga. Assim?
2. Bem mais distante, atrás de sobrados e árvores, uma cruz na torre da igreja. Fina e singela. Linhas se cruzam e desaparecem. Assim?

Através da janela, atrás do muro da vizinha da frente há várias árvores. Um fícus enorme. Contrassenso. O entorno envolve nosso personagem numa trama mais complicada. O senhor Luiz Costa ouve rumores do ministério entre outras miragens auditivas: “tudo tem seu tempo”. E esse seria outro começo: pensou ter ouvido a palavra “abstinência”. O dólar dispara a galope, as bolsas desabam novamente, um vírus perfuraria toda a economia, tomaria e confinaria corpos por toda parte. O senhor Luiz Costa será tomado de medo. Mas, por enquanto levanta, estica o corpo. Mal gira para sentar-se e outro ministro dispara: “desejo que você termine no inferno!” O inferno pode estar em muitos lugares.

Decide-se pelo café, conta os passos até a cafeteira, sente um odor agradável enquanto enche sua caneca, olha para o chão, percebe um líquido carmim que se espalha vertiginosamente pelo piso, escoando pelo buraco que se abre no chão. Um estranho passa com um martelo no bolso. Taquicardia antes do primeiro gole. Ao retornar para sua cadeira passa por um espelho enorme e ouve um som de martelete. Surpreende-se com as linhas de sua face marcadas pelo tempo. Antes disso tudo começar já passava o tempo. Ele se sente perdido. Salvo: perdido. O tempo se apresenta em súbita histeria. O entorno esvazia. Ouve as batidas de seu coração. Palpitações, estalidos de fundo de mar. Vocaliza. Senta na cadeira, involuntariamente digita rápida e recorrentemente, não-ritmicamente ocorrendo. Bruscamente. Irresistivelmente pisca gira a cadeira pega seu café larga levanta. Constrange late funga assobia. Bate



salta saltita e - pega. Larga. Pega. Larga, pega. Uma agitação incontrolável, hiperestesia, as pernas querem correr para um lado, o resto do corpo para outro, hipercinesia. Fuga de idéias. Pega larga pega larga e - não quer parecer imprudente, apesar de irrazoável, deslocado, inapropriado, sente-se observado, coloca a mão no bolso, tira, senta, levanta, corre sem sair do lugar, deseja falar, fala em silêncio, tira a mão do bolso e quer - acordar de um sono insone - de um sonho impossível de lembrar. Levanta senta levanta pega larga pega a culpa a fadiga teme o suicídio, a desidratação, a mínima grandeza; observado por um mar de olhos sonâmbulos que reprimem, reprovam, repudiam, agarram, rodopiam, reprovam novamente, achatam, os braços balançam, a testa contrai, o nistagmo se alastra pelo corpo. Uma perturbação das percepções, muito variáveis, de dia para dia, de hora para hora, de minuto para minuto, do tempo ao atemporal. Sensações sobrepostas e transitórias: êxtase, náusea, ansiedade, irritação, calafrio. Disritmia. Tudo repentinamente. Aparições, desaparecimentos. Obediência automática. Negativismo. Excitação violenta. Alucinações vívidas. O senhor Luiz Costa acorda sobressaltado. Seis e quarenta e cinco. Dispara da cama para mais um dia de trabalho.

